

A LINGUAGEM DO CORPO DOENTE ENTRE O CONFLITO E A CURA

Eliete Cristina dos Santos¹, Valéria Zanetti de Almeida²

¹UNIVAP/ IP&D - PIBIC, End: Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP e-mail: elietesantos13@hotmail.com

² UNIVAP/ Prof^a orientadora Valéria Zanetti de Almeida, doutoranda em História na PUC de São Paulo, professora na Universidade do Vale do Paraíba, Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP e-mail: vzanetti@univap.br

Resumo - O presente estudo trata do corpo. Investigado sob a relação na divisão: corpo, doença e cultura. Desse modo o corpo surge como texto. O doente em tratamento da tuberculose na fase sanatorial da cidade de São José dos Campos, entre 1900 a 1945. Abordamos o clientela que chega à cidade. Como chega, o que encontra, suas relações. O processo de tratamento na busca da saúde. O presente trabalho aborda corpos onde o caminho rumo a morte, é desviado pela dúvida gerada através da doença. A perturbação é ainda mais alimentada pelo tratamento - placebo - e muitas vezes sabidamente ineficaz. O corpo do tuberculoso, nessas condições, passa a viver no tempo mítico. O tempo da cultura. É parte dela e submetido à ela.

Palavras-chave: Corpo, Tuberculose e História.

Área do Conhecimento: VII - Educação

Introdução

Estamos vivos. E para isso, somos sujeitos às condições determinadas pela física. Nosso corpo ocupa lugar no espaço. Nossa presença está diretamente associada ao da matéria no espaço. Particularmente nossa natureza, o homem, relaciona-se com o seu próprio corpo, com outros seres vivos e com o mundo circundante.

A princípio, instigou-nos saber, quem são esses corpos doentes? Como se relacionam nesse estado? Procuramos compreender o que esses corpos nos diziam a respeito da época e da sociedade em que estiveram "vivos". Nesse sentido, o corpo tornasse texto. Sabendo que o corpo, no tempo e no espaço, sofre seus efeitos. O corpo vivo aponta sempre para frente. Rumo ao envelhecimento. Em direção à morte. Mas para isso, realiza um caminho circunstanciado pelas condições pré determinadas - genética - e também sob condições determinadas pela cultura e pelo acaso.

Discussão

O presente trabalho aborda o corpo atacado pela tuberculose. Velha doença que aflige a raça humana desde a aurora do homem. Ainda no pré - histórico, esqueletos trazem as marcas da tuberculose. Desse modo, os corpos nos dizem algo. Corpos registros nos "dizem" acerca das condições e momentos que tiveram em vida. Ainda que a tuberculose tivesse em pequenos grupos, Koch afirma que "a tuberculose é fruto de condições econômicas e sociais, quando, em verdade, seria mais correto dizer que é uma doença da civilização, já observada no passado remoto, nos primeiros agrupamentos humanos e

que progrediu com a densidade crescente de população nos centros urbanos".¹ Dessa maneira, justificando o famoso bacterologista, a tuberculose alcança aglomerados humanos no Brasil. O bacilo marca nossa história.

São José dos Campos cresce lentamente nos séculos XVIII e XIX, baseada na exploração da pecuária e da agricultura. Sua população era, na maioria, pessoas analfabetas vivendo do cultivo da roça. No final do século XIX, a cidade passa a ser procurada por doentes do pulmão por dizerem que seu clima era favorável. Em 1924, inaugura-se na cidade o maior sanatório do país, o Vicentina Aranha. Na década de 30, São José é elevada à Estância Climática de Repouso conforme Decreto nº 7007, o que possibilitou o estado de São Paulo fortalecer a economia do Município, dobrando a sua receita baseada em impostos. Nos anos 40, a cidade é quase que uma cidade-sanatório. Segundo Altino Bondesan - ex paciente de tuberculose que viveu na fase sanatorial de São José, "com a crise do café, a produção era pequena, então, o doente era um elemento de valor econômico dentro de São José. A tal ponto que o governador daquele ano, em março de 1935, criou a instância hidromineral e climática de São José dos Campos, pelo qual a cidade passava ter mais doente que uma cidade comum, era caso único no Brasil".² A chegada do doente à

¹ WAKSMAN, A.S, *A vitória sobre a tuberculose, de Hipócrates à Estreptomocina*, tradução HEGENBERG, L. 1 ed 1964 California University, Berkeley e Los Angeles, ed Cultrix, São Paulo, São Paulo, 1ª ed de 1964, (prêmio Nobel de Medicina) p. 86.

² Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, *Depoimento oral, fitas de vídeo*: Código: VD:191.

cidade foi algo marcante. Bondesan escreve: "ônibus interurbano passavam dentro da cidade e paravam geralmente no bar da rua 15. Era comum ver as pessoas que colocam o lenço no nariz e na boca pra não pegar a doença de São José."³ Angela Savastano chega a São José aos 18 anos para tratamento. Em depoimento, comenta sobre a sua chegada: "antes do trem chegar a São José, quando o trem foi se aproximando de São José todos os passageiros do vagão já tiravam o lenço e puseram assim amarrados, e estava com a minha irmã mais velha, que havia ido me buscar, e eu falei. O que é isso? Isso aí é o ar. A gente quando passa aqui tem que botar isso pra não respirar o ar de São José."⁴ Sr José Miragaia Ferri, nascido em 1928 em São José rememora que, "Quando apitava o trem, as pessoas de dentro do trem olhavam para a cidade com o lenço na boca. Aquela quantidade de pessoas com o lenço na boca. Era comum, de medo do contágio"⁵. Oswaldo Toledo escreve que o " lenço no nariz era frequente e geral, do início ao fim do Município".⁶ O gesto de fato marca a lembrança das pessoas que viveram naquela São José. Gesto do corpo. O corpo depositário da cultura de que participa o indivíduo, é registro de informação. Particularmente, o rosto exibe a parte mais fortemente marcada pela cultura. O gesto marcante em composição rosto+lenço+mão = máscara.⁷ A mediação entre o eu e o outro, através da "máscara" traça a fronteira limítrofe, intransponível. Acentuada pelo escamoteamento da boca, bloqueando a comunicação, comunica o proibido. Apontando o ar - elemento vital - como veículo proibido e as pessoas como seus mediadores.

A maioria da clientela que chegava à cidade era de jovens. Nada diferente do quadro registrado em outros países. Savastano recorda: "todos os doentes eram jovens né. Morriam cedo com a tuberculose. Então existia muito caso de amor dentro do sanatório. Existia muito romance. As pessoas se apaixonavam, os doentes pelos outros doentes. E muitos morriam né. Vinha pra cá os tuberculosos boêmios, aqueles que viviam a noite, a juventude né".⁸ O corpo, suporte da doença, agora tenta reorganizar as esferas do físico, espírito e psicológico dentro de ambiente estranho. A identidade do corpo é registrada pela

doença através dos sintomas físicos. Cita um médico romano, Celius Aurelianus que, em 1950, "há febre latente, que geralmente começa pelo fim do dia, diminuindo ao alvorecer, é acompanhada de muita tosse no começo e no fim da noite, com eliminação de escarro sangrento. Voz torna-se rouca ou aguda, a respiração é difícil, as faces enrubescem e o resto do corpo adquire coloração acinzentada. Os olhos ganham aparência fatigada e o paciente emagrece, fato que se verifica mais facilmente examinando-lhe o corpo nu. Em alguns casos manifesta-se um som sibilante ou um chiado no peito e na medida em que a doença progride, aparece o suor nas partes superiores do corpo. Surge a inapetência ou considerável falta de apetite, o paciente sofre de sede. As extremidades dos dedos intumescem e as unhas se encurvam. Muitos submetem o escarro a exame. Colocam o muco sobre brasas e verificam o odor que se desprende da queima, em verdade, um cheiro repugnante sempre caracteriza o produto de decomposição física."⁹ A tuberculose afeta tecidos múltiplos, células, sistemas, nervos, bioenergia. Em busca da cura, Rute Carvalho Viola, nascida em 1924, em 1942 chega à São José para tratamento. O relato dela nos dá uma idéia geral sobre o tratamento administrado nas clínicas e sanatórios. Diz assim a ex-tísica sobre a patologia: "Doença incurável, sem tratamento, sem remédios. A gente só tratava com repouso, alimentação e quando a gente podia fazer um pneumotórax a gente fazia, pra ajudar no tratamento. Se a gente não tivesse condições, a gente só fazia repouso absoluto. Ficava na cama, se alimentava na cama... mas tudo isso a gente tinha muito carinho. Os enfermeiras vinham no quarto e dava muita força pra gente. Durante o dia a gente tinha galeria onde a gente deitava numa cadeira de repouso e entre amigas conversávamos. Tinha muita amizade, brincadeira uma com a outra, enfim não tinha tristeza. A gente acabava ficando alegre".¹⁰ Os diagnósticos dos pacientes do Sanatório Vicentina Aranha mencionam sobre alguns órgãos do corpo comprometidos pela doença. Entre eles aparecem o pulmão, a pleuriz, a laringe, a meninge e o intestino.¹¹ A doença, no corpo, é compreendida em partes tratáveis, embora o corpo fosse uno

³ Idem, VD: 191.

⁴ Idem, VD: 208.

⁵ Idem, VD: 217.

⁶ TOLEDO, O.M. **São José do Orlando, dos Campos, do Bacilo de Koch**, Jac editora, S. José dos Campos, 1ª ed, 1995, p: 84.

⁷ CAMPELO, R.C. **Cal(e) Idoscorpos**, Um Estudo Semiótico do Corpo e seus Códigos, AnnaBlume editora, São Paulo, 1996, p.96.

⁸ Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, **Depoimento oral, fitas de vídeo**: Código: VD:208.

⁹ WAKSMAN, A.S, **A vitória sobre a tuberculose, de Hipócrates à Estreptomocina**, tradução HEGENBERG, L. 1 ed 1964 California University, Berkeley e Los Angeles, ed Cultrix, São Paulo, São Paulo, 1ª ed de 1964, (prêmio Nobel de Medicina) p.24.

¹⁰ Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, **Depoimento oral, fitas de vídeo**: Código: VD:203.

¹¹ NOGUEIRA, M, **Vida e Morte no Sanatório Vicentina Aranha - São José dos Campos (1924-1952)**. Trabalho de Graduação. Curso de História da UNIVAP., 2001, p.96-97.

divisível. Ainda que, a tuberculose, atasse à cama a pessoa por inteiro. Toledo descreve a curiosa rotina de tratamento dos doentes no sanatório Vicentina Aranha, "acordar às 6 horas, uma hora depois o café, que não era café e sim leite com aveia, pão, manteiga com fatura, refeições obrigatórias. Às nove horas, ovo quente com uma fruta. Onze horas, almoço bem farto, lanche da tarde as 3 horas e as 5, o jantar. Pela manhã, a medicação e os passeios pelos jardins do sanatório, ar puro, além do pneumotórax. Conversa, às vezes uma leitura. Dormir depois do almoço e às 20 horas".¹² Jovens tuberculosos submetiam-se ao repouso, como reforça Savastano, "deitados nas espreguiçadeiras, tinha muito dessas cadeiras nem São José, sabe! Eles colocavam até assim nas varandas. E ficavam assim recostados".¹³ Nesse ambiente, surge a *spes phthisicorum*¹⁴ dos antigos. Segundo Waksman "o caráter peculiar dos tuberculosos que provavelmente, mais fere o observador é o da esperança. Esta é notada ou, pelo menos, não tem caráter pronunciado no começo da doença, mas em estágio posterior, quando os amigos vem claro que a morte não está distante, o tuberculoso é possuído de uma crença em breve recuperação. Não apenas fala esperançosamente de seu estado, mas em verdade, faz, para o futuro, planos que seus amigos consideram absurdos e perturbados. Essa expectativa otimista é que dispõe o tuberculoso preso ao leito, pretender realizar as viagens mas fantásticas. As características mentais e morais do paciente tuberculoso se modificam tanto, que facilmente podemos fazer associação à psiconeuroses".¹⁵ Afirma Waksman, "os médicos dão pouca importância e atenção aos problemas psicológicos tão frequentes, apresentados por aqueles que sofrem de tuberculose pulmonar".¹⁶ Em função dos inúmeros casos, não podemos avaliar a natureza da *spes phthisicorum* e suas implicações na esfera psicológica e emocional. Embora podemos imaginar que o efeito psíquico possa manifestar-se de forma variada. Entre elas, atitude defensiva, fuga, irritabilidade, morbidez, egocentrismo ou intolerância. O doente, submetido

¹² TOLEDO, O.M. **São José do Orlando, dos Campos, do Bacilo de Koch**, Jac editora, S. José dos Campos, 1ª ed, 1995, p:94-95.

¹³ Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, **Depoimento oral, fitas de vídeo**: Código: VD:208.

¹⁴ WAKSMAN, A.S, **A vitória sobre a tuberculose, de Hipócrates à Estreptomocina**, tradução HEGENBERG, L. 1 ed 1964 California University, Berkeley e Los Angeles, ed Cultrix, São Paulo, São Paulo, 1ª ed de 1964, (prêmio Nobel de Medicina) p.29.

¹⁵ WAKSMAN, A.S, **A vitória sobre a tuberculose, de Hipócrates à Estreptomocina**, tradução HEGENBERG, L. 1 ed 1964 California University, Berkeley e Los Angeles, ed Cultrix, São Paulo, São Paulo, 1ª ed de 1964, (prêmio Nobel de Medicina) p.46.

¹⁶ Idem, p: 46.

à repouso, intercalado a passeios contemplativos do ar, à dolorosas sessões de pneumotórax ou até mesmo à retirada de um dos pulmões, durou até a descoberta da penicilina, que revolucionou o tratamento de doenças pulmonares. Uma nova droga, a estreptomocina surgida na década de 50 e utilizada com sucesso pelos pacientes atacados pelo Bacilo de Koch, fez decrescer a atividade dos serviços hospitalares na cidade. Com isso, as portas dos sanatórios e pensões vão se fechando uma a uma. Em face da abertura da Via Dutra em 1952, empresas novas chegam a cidade dando início a fase industrial e tecnológica de São José.

Conclusão

Pensão Camilo, Pensão Ramon, Pensão Sanatório Carioca, Sanatório Brasil, Sanatório Popular, Sanatório Maria Imaculada, Samaritanos e o maior de todos, o Sanatório Vicentina Aranha. Todos abrigaram corpos atacados pela tuberculose. Em sua maioria, jovens. São José na fase sanatorial recebeu pessoas de diferentes classes sociais e histórias de vida. Todas elas tiveram em comum as experiência de, retiradas do convívio familiar, abrigarem-se numa cidade pequena do interior paulista. Afligidas pelo senso comum que tratava da doença como algo incurável, confirmada pela falta de recursos da medicina e alvo do pré-conceito, esses corpos travaram uma luta desigual. Na chegada à São José, o corpo passa sofrer influência do lugar e do tempo específico, em que se dará sua vida. Das relações, grupo familiar, social, grupo sócio-cultural, de sua específica organização psíquica, crenças próprias, desejos, o corpo do doente, reelabora e reconstrói sua própria imagem. Ainda que, em busca da saúde, recria a si, a imagem dos outros e do mundo circundante. O doente ainda na estação férrea vê lenços no rosto do outro sadio. Máscaras. E máscaras são artifícios inerentes dos seres vivos. Enquanto sinais do seu diálogo com o mundo, as máscaras surgem como manutenção da vida. O corpo doente assume sintomas notados por ele mesmo e pelos outros. Escamoteados, aparecem em formas derivadas que remetem à doença. Recorda Angela Savastano: "então a gente olhava, a boina, orelha de abano, olhava também a mão da pessoa, sempre a mão do tuberculoso era meio funda aqui. O peito da mão sabe, não era assim que nem a gente gordinho não. A gente olhava direto na mão do doente, pra ver se tinha uma espécie de saboneteira. E as pessoas mais antiga que não podia se aproximar, eles tinham o hábito e olhavam a barra da calça. Se visse pijama embaixo sempre, aparecia uma barra. O danado era doente".¹⁷

¹⁷ Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, **Depoimento oral, fitas de vídeo**: Código: VD:208.

No caso do corpo submetido à retirada de um pulmão a doença mostrava seu lado mais transfigurador. Frequentemente, o doente perdia o eixo do corpo. Inclinando para o lado operado, tronco, pescoço e o topo da cabeça. Andava inclinado. Apesar disso, não havia no Sanatório Vicentina Aranha o registro de sessões de fisioterapia ou análise. O corpo cindido em partes. Partes constituídas por órgãos. O protagonista atacado por pneumotórax. O paciente envolvia-se na rotina de super alimentação e intervalos de passeios contemplativos do ar. Rotina que fazia lembrar da doença a todo instante. Tarefas executadas em virtude da doença. Pouco era a ocasião em que doente aproximava-se dos objetos referenciais de saúde física. Esporte, atividades artísticas, dança, teatro. Até mesmo o próprio trabalho era abandonado. O corpo como suporte do sonho - este que herdamos da cultura, de nossos pais - que nós mesmos o construímos com o material disponível é parte integral da condição da vida do ser racional. Projetos adiados pela doença. Sonhos que perseguem o doente assumiram a forma de *spes phthisicorum*. A falta de importância dada ao campo psicológico reflete a estrutura apoiada na visão bipartida do corpo. A visão do mundo dual - cartesiana - tem como elementos conflitivos alma/intelecto *versus* corpo. As relações de conflito aparecem nesse meio. A estrutura é rebaixada. O controle das forças vitais é "vigiado" pelos agentes - médicos, enfermeiras, profissionais da saúde, doentes. Corpos cadavéricos eram removidos, tanto das ruas como nos sanatórios e pensões, em adiantada hora da noite. Em relato, Dr. Amaury Louzada Veloso, que clinicou no Vicentina Aranha de 1945 a 1971 revela "no sanatório morriam aproximadamente 80% dos pacientes, mesmo com todo tratamento, nos casos das pensões onde o tratamento era escasso o número de óbitos era ainda maior".¹⁸ De fato, a doença que deteriora o corpo vivo transforma profundamente a vida, os sonhos. Atinge a sociedade em cheio, minando a economia, as relações sociais e a cultura. Após o advento da penicilina e dos modernos medicamentos, a tuberculose ainda hoje faz milhares de vítimas pelo mundo todo. Atualmente, o governo investe na campanha "Brasil sem tuberculose". Governos e Ongs em todo planeta lutam no combate à doença. No entanto, os dados revelam que estamos longe de nos ver livre dela.

Agradecimentos

Agradeço a paciência e atenção da professora orientadora. A realização deste trabalho foi possível, devido ao recurso do

projeto de Iniciação Científica PIBIC da UNIVAP.

Referências

- [1] JUNIOR, A. **História de São José dos Campos**, 3ª edição. p.160.
- [2] TOLEDO, O,M. **São José do Orlando, dos Campos, do Bacilo de Koch**, Jac editora, S. José dos Campos, 1ª ed, 1995, p 17- 109.
- [3] CAMPELO, R,C. **Cal(e) Idoscorpos**, Um Estudo Semiótico do Corpo e seus Códigos, AnnaBlume editora, São Paulo, 1996, 139 págs.
- [4] WAKSMAN, A,S, **A vitória sobre a tuberculose, de Hipócrates à Estreptomina**, tradução HEGENBERG, L. 1 ed 1964 California University, Berkeley e Los Angeles, ed Cultrix, São Paulo, São Paulo, 1ª ed de 1964, (prêmio Nobel de Medicina) p. 09 - 97.
- [5] Projeto Patrimônio Humano, UNIVAP e Fundação Cultural Cassiano Ricardo, **Depoimento oral, fitas de vídeo**: Código: VD 191,208,223,224,231,212,213,227,218,205,197,217,199,193,195,226,189,219,200,192 e 203.
- [6] NOGUEIRA, M, **Vida e Morte no Sanatório Vicentina Aranha - São José dos Campos (1924-1952)** .Trabalho de Graduação. Curso de História da UNIVAP.), 2001, págs 105.
- [7] T.G, SANTOS, G, P. OLIVEIRA, L, H. MELO, T, S. **São José dos Campos**: Uma visão através de depoimentos, 2004, págs 61.
- [8] SANTANA, D, B. Corpo e Cultura. **Projeto História 25**, PUC -S.P, ed. Educ, 2002, págs 478.

¹⁸ NOGUEIRA, M, **Vida e Morte no Sanatório Vicentina Aranha - São José dos Campos (1924-1952)** .Trabalho de Graduação. Curso de História da UNIVAP.), 2001, p:99.